

Revista de Literatura,
História e Memória



Dossiê:

Teatro latino-americano
contemporâneo:
memória e testemunho

ISSN 1983-1498

v. 18 – n. 32 – 2022

UNIOESTE / CASCAVEL - p. 23-35

ECOS DE *ELECTRA* DE SÓFOCLES E *ELECTRA* DE EURÍPEDES EM *OTRA ELECTRA* DE EDITH IBARRA

Echoes of *Electra* from Sófocles and *Electra* from Eurípedes in *Otra Electra* by Edith Ibarra

Bartira Zanotelli Dias da Silva¹

RESUMO: Neste trabalho é analisado como o texto dramático *Otra Electra* da escritora mexicana Edith Ibarra retoma as duas obras gregas clássicas denominadas *Electra*, a de Sófocles e a de Eurípedes, em um texto atual e crítico. Observamos como Ibarra aborda as principais questões do mito de Electra (o relacionamento conflituoso com sua mãe, o relacionamento com o irmão, o assassinato da mãe) na contemporaneidade. Comparamos trechos das três obras para identificarmos quais aspectos do mito grego ecoam na obra de Ibarra, bem como quais novos elementos entram

na versão mexicana. Como base teórica, utilizamos os estudos de Brandão, García Gual e Grimal sobre mitologia e literatura, bem como os estudos de Jung e Hendrika Halberstadt-Freud sobre psicanálise.

PALAVRAS-CHAVE: Edith Ibarra; *Otra Electra*; Mito grego; Psicanálise; Literatura Mexicana.

ABSTRACT: This work analyzes how the dramatic text *Otra Electra* by the Mexican writer Edith Ibarra takes up the two classic Greek works called *Electra*, that of Sophocles and that of Euripides, in a contemporary and critical text. It is observed how Ibarra approaches the main issues of the Electra myth (the conflicting relationship with her mother, the relationship with her brother, the murder of her mother) in contemporary times. We compare excerpts from the three works to identify which aspects of the Greek myth echo in Ibarra's work, as well as which new elements are added to the Mexican version. As a theoretical basis, we used the studies of Brandão, García Gual and Grimal on mythology and literature, as well as the studies of Jung and Hendrika Halberstadt-Freud on psychoanalysis.

KEYWORDS: Edith Ibarra; *Otra Electra*; Greek myth; Psychoanalysis; Mexican literature.

INTRODUÇÃO

O mito grego de Electra, filha de Clitemnestra e Agamenon, é citado por vários autores, desde a antiguidade até a contemporaneidade. Analisaremos, neste trabalho, o texto dramático *Otra Electra* (publicado pela autora mexicana Edith Ibarra em 2011 e posto em cena pela primeira vez em 2021 no Centro de Cultura Casa Lamm, na Cidade do México)² comparando-o às duas versões mais antigas do mito de Electra, identificando quais aspectos foram mantidos e o que o texto de Ibarra traz de novo, recontando e refazendo o mito em

¹ Professora de Língua Francesa, tradutora e escritora. Licenciada em Letras-Português (2007) pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), mestre em Tradução Técnica e Científica (2010) pela Université de Haute Alsace (França) e em Letras (2022) pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). E-mail: bartira.zanotelli@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4260543319292806>.

² Disponível em: <https://www.ciudadania-express.com/2012/literatura/editan-otra-electra-de-edith-ibarra>. Acesso em: 10 dez. 2022.

outro tempo e espaço.

As duas versões mais conhecidas do mito são as de Sófocles e de Eurípedes, escritas por volta de 410 a.C. Desconhecemos até hoje qual foi a primeira versão escrita, e se houve uma influência da primeira na segunda. Sobre essas duas versões, Kury explica em prefácio de sua tradução do texto de Sófocles:

A *Electra* foi representada pela primeira vez por volta de 413 a.C., ignorando-se a data exata. Essa dúvida reveste-se de certa importância literária, pois dessa incerteza decorre uma discussão interminável entre os eruditos para determinar qual das duas *Electras* foi composta em primeiro lugar: a de Sófocles ou a de Eurípedes. (KURY, 1992, n.p.).

As versões de Sófocles e Eurípedes são os registros mais antigos conhecidos do mito de *Electra*, entretanto, é preciso lembrar que os mitos se originam na oralidade e, justamente por essa característica, apresentam variações no tempo e espaço. Segundo Brandão:

Os mitos gregos só se conhecem através da forma escrita e das imóveis composições da arte figurada, o que, aliás, é comum a quase todas as mitologias antigas. Ora, a forma escrita desfigura o mito de algumas de suas características básicas, como, por exemplo, de suas variantes, que se constituem no verdadeiro pulmão da mitologia. Com isso, o mito se enrijece e se fixa numa forma definitiva. De outro lado, a forma escrita o distancia do momento da narrativa, das circunstâncias e da maneira como aquela se converteria numa ação sagrada. (BRANDÃO, 2007, p. 25).

Uma das características mais importantes do mito é justamente esse caráter fluido, personalizado de acordo com o contador. Por isso, concordamos com Brandão que os registros dos mitos aos quais temos acesso hoje são reduções do mito em si. No caso do mito de *Electra*, os textos de Sófocles e Eurípedes representam apenas duas versões possíveis desse mito, que são as versões que se cristalizaram para a posteridade, influenciando os escritores que vieram a seguir e apagando outras versões orais. Esse processo é explicado por Brandão:

Acontece que, dado o imenso prestígio da poesia na Grécia, a variante apresentada por um grande poeta impunha-se à consciência pública, tornando-se um mito canônico, com esquecimento das demais variantes, talvez artisticamente menos eficazes, mas, nem por isso, menos importantes do ponto de vista religioso. (BRANDÃO, 2007, p. 27).

Pierre Grimal, em seu dicionário de mitos gregos e romanos, ressalta que nos registros mais antigos não havia o nome “*Electra*” entre as filhas de Agamenon, porém havia o nome “*Laódice*”. À medida que os poetas começam a usar o nome “*Electra*”, desaparece o nome

“Laódice” (GRIMAL, 1981, p. 154). A partir dessa constatação de Grimal, fazemos as seguintes suposições: teria sido o nome “Electra” uma criação literária? Ou teria existido, nos textos orais, duas versões do mito?

Qual seja a resposta, ela corrobora a teoria de Carlos García Gual de que a literatura moderna apenas dá prosseguimento e potencializa algo que já existia na tradição helênica: o mito desvinculado à religião e usado como matéria literária (GUAL, 1998, p. 35). O autor explica: “*Quiero tan solo subrayar con estos breves apuntes prolongales que la mitología había derivado ya en materia literaria en la Grecia Clásica*” (GUAL, 1998, p. 35).

Ao analisar os textos de Sófocles e de Eurípedes, notamos as seguintes variações: na versão de Sófocles, Electra é proibida de casar-se e vive aprisionada no palácio com sua mãe, Clitemnestra, seu padrasto, Egisto, e sua irmã, Crisôtemis; enquanto na versão de Eurípedes, ela é obrigada a casar-se com um homem pobre, o personagem chamado “trabalhador”, porém continua virgem, pois seu marido a respeita e teme a fúria do seu irmão, Orestes. Outra diferença é a postura de Electra no momento do assassinato da mãe: no texto de Sófocles, Orestes sozinho assassina primeiramente a mãe e depois Egisto (Electra ouve os gritos do exterior do palácio, mas não participa da ação). Já no texto de Eurípedes, Orestes mata primeiramente Egisto e, em seguida, hesita em matar a mãe. Nesse ponto, Electra o encoraja e o ajuda a desferir o golpe final, participando ativamente do assassinato.

O primeiro aspecto observado possui, na verdade, mais semelhança que diferença: nas duas obras há um plano da parte de Clitemnestra e Egisto para que Electra não gere descendentes de Agamenon, ou que estes descendentes não sejam dignos de assumir o seu lugar na realeza. Consideramos o segundo aspecto como sendo a diferença mais importante entre as duas obras, pois há uma variação de personalidade da personagem principal: em Sófocles, a Electra é mais passiva, enquanto em Eurípedes, ela tem uma personalidade mais forte e assertiva.

Os principais pontos em comum entre as duas versões são: o exílio de Orestes, engendrado por Electra; o seu regresso, primeiramente fingindo-se de morto e depois revelando-se para Electra; o sofrimento e humilhação de Electra por parte da mãe e de Egisto; o desejo constante de vingar o pai; o embate de Electra com sua mãe, que tenta justificar seu feito (assassinato de Agamenon) explicando o seu sofrimento após a perda da filha. Neste trabalho, nos ateremos a esses pontos em comum e analisaremos, principalmente, como eles ecoam na obra da escritora mexicana Edith Ibarra. Fundamentaremos nossa análise em estudos sobre mitos e literatura, bem como na psicanálise.

A OUTRA ELECTRA

É importante ressaltar que a pesquisadora, escritora e produtora teatral Edith Ibarra possui um histórico de pesquisas e trabalhos relacionados às questões de representação do feminino no teatro, sendo atualmente coordenadora do projeto de pesquisa “Crítica à representação do feminino em práticas de cena” na Universidade Autônoma do México. Ibarra também já foi professora convidada na Universidade de Lublin, na Polônia, para conferência sobre “A síndrome de Antígona em três dramaturgias pós-revolucionárias”³.

O título da obra de Edith Ibarra, *Otra Electra*, já convida o leitor a estabelecer uma relação de comparação. Podemos supor que, mesmo um leitor que desconheça a origem do mito, terá a curiosidade de saber quem foi a primeira Electra, já que o título indica que esta é “outra”.

Em resumo, as duas personagens desse texto dramático são uma mãe e uma filha encerradas no espaço interno de uma casa. Dá-se a entender que a mãe está em recuperação de um procedimento oftalmológico, o que a deixa temporariamente cega, sob os cuidados da filha, Electra. Há um personagem implícito, o irmão, Horácio, a quem Electra se dirige por telefone.

No início, mãe e a filha entram em casa e a mãe, vendada, tropeça em algo que acredita ser um rato e insiste para que a filha o busque pela casa. Dessa situação aparentemente simples desenrola-se uma longa discussão entre mãe e filha que apresenta ao leitor a relação conflituosa entre elas. A primeira impressão que temos é a de uma mãe controladora e constantemente irritada e uma filha passiva que, apesar de discordar, não entra em embate direto com a mãe.

Utilizando a classificação de Carlos García Gual, quanto à utilização dos mitos na literatura, constata-se que Ibarra faz recurso ao “mito aludido”. “*Se cita el mito recortado o sesgado, como un trasfondo que deja caer sus reflejos simbólicos sobre una escena actual*” (GUAL, 1998, p. 36). Assim, temos uma cena atual (apesar de não haver menção a datas, há muitos indícios nas falas) com reflexos simbólicos do mito recortado (o nome Electra, a relação de conflito com a mãe, o irmão ausente, entre outros).

O diálogo entre mãe e filha no qual Electra indaga a origem do seu nome nos instiga a várias reflexões.

³ Disponível em: <https://citru.inba.gob.mx/home/directorio/116-fijos/personal/778-edith-ibarra.html>. Acesso em: 10 dez. 2022.

Electra: ¿Por qué me pusiste Electra?
La madre: Me gusta la fuerza de tu nombre.
Electra: ¿Cuál fuerza?
La madre: Yo siento que cuando digo Electra llamo a una guerrera
Electra: ¿Leíste la obra?
La madre: Me gusta el nombre, las historias no me interesan.
Electra: Siempre le inventas cosas a la gente.
La madre: ¿No te gusta tu nombre?
Electra: No. Electra... no quiero ser como ella.
La madre: Tú eres otra, otra Electra.
(IBARRA, 2011, p. 22).

Podemos nos perguntar, por exemplo, o que incomoda Electra em relação a seu nome? Em que sentido ela diz que “não quer ser como ela”? Estaria se referindo ao caráter vingativo da personagem, à ligação com o pai ou ao desfecho matricida? Também nos indagamos se a mãe tinha conhecimento do mito de Electra, pois ela não responde se leu ou não a obra, mas diz que as histórias não lhe interessam. Sendo uma professora e tendo registrado seus filhos com os nomes de Horácio e Electra, parece-nos plausível supor que ela tenha algum conhecimento dos mitos gregos.

A relação conflituosa entre mãe e filha na obra de Ibarra também nos remete à psicanálise, especificamente ao que Freud denominou, por sugestão de Jung, *Complexo de Electra*. Hendrika Halberstadt-Freud, psicanalista da Sociedade Holandesa de Psicanálise, faz vários apontamentos sobre a relação mãe-filha em seu artigo *Electra versus Édipo* (HALBERSTADT-FREUD, 2006). Nesse artigo, a autora explica que o conceito de complexo de Electra foi forjado à sombra do conceito do complexo de Édipo, claramente sofrendo a abordagem de uma sociedade machista, o que pode comprovar o seguinte questionamento:

Poderíamos nos questionar sobre o que teria acontecido se o criador da psicanálise tivesse sido uma mulher ao invés de um homem. Como ponto de partida, a história de Édipo – o drama de um homem – certamente teria sido substituída pelo mito de Electra, que ilustra as armadilhas do desenvolvimento feminino. E o papel designado à mãe, teria tido maior relevância. Somente após haver delineado a maior parte de sua teoria, Freud descreveu as consequências emocionais do vínculo da mulher com sua mãe. (HALBERSTADT-FREUD, 2006, p. 31).

A seguir, analisaremos alguns elementos dos textos de Sófocles e de Eurípedes que são retomados por Ibarra em sua obra. Dividiremos esta análise em três temas: a relação conflituosa entre Electra e sua mãe, a relação com o seu irmão e o ato do matricídio.

A RELAÇÃO CONFLITUOSA COM A MÃE

A Electra de Ibarra, assim como a de Sófocles e a de Eurípedes, sente-se presa, obrigada a suportar o conflituoso convívio materno. Não existe, entretanto, na Electra contemporânea, uma prisão real. Seria possível pensar aqui em uma prisão psicológica e social que as mulheres ocupam: ela se sente obrigada a cuidar da mãe, e parece nem mesmo entender a razão. Ela cobra ajuda de seu irmão, por telefone, faz menção de ir embora, porém continua servindo à mãe em sua convalescença.

Halberstadt-Freud defende a ideia de que, nas narrativas clássicas, a raiva de Electra vem de uma necessidade do amor da mãe, que não lhe é demonstrado. Clitemnestra mata Agamenon por seu amor à filha mais velha, Ifigênia, depois o foco de seu amor passa a ser seu amante, Egisto. Electra fica, assim, sempre à margem do amor de sua mãe. Para essa autora, a figura de Electra caracteriza bem a relação entre mães e filhas, pois, ao contrário do que se imaginava no início da psicanálise, o primeiro amor da filha não é o pai, mas, assim como o filho, a mãe. Ela explica:

Os mitos de Édipo e de Electra diferem em suas essências – mesmo que ambos tratem da rivalidade com o genitor do mesmo sexo e do amor pelo genitor do sexo oposto. O confiante Édipo, o lamentável filho do rei de Tebas, que quase foi assassinado pelos próprios pais, não tinha a mínima intenção de matar seu pai. [...] Electra planeja durante muitos anos o assassinato da sua mãe, que executará sorratamente. [...] Todos os autores gregos e modernos concordam com o fato de que a raiva e a dor de Electra têm como intenção acusar sua mãe pela falta de amor para com ela. (HALBERSTADT-FREUD, 2006, p. 33).

A Electra de Ibarra também anseia por este amor materno e sofre com a falta dele, como fica claro no último sonho, no qual ela chama pela mãe várias vezes, e a cada chamado suplica que a mãe a perceba de várias maneiras: primeiro que a escute, depois que a toque e finalmente que a cheire.

Mamá, mamá... escúchame, por favor. [...]

Mamá, tócame. [...]

Mamá, huéleme. Voy dejando en las calles este olor a perro muerto. Yo no soy una guerrera, mamá. El día que me hiciste ver en un espejo me di por vencida. Me dijiste que era una niña fea y que debía luchar todos los días. Ese día me derrumbé y tú cerraste los ojos. No leíste Electra ni el cuento del papito feo. Se supone que una madre ve hermosos a todos sus hijos. (IBARRA, 2011, p. 46).

A mãe de Electra, por sua vez, assume uma postura de mãe incompreendida, repetindo

incansavelmente que fez muitos sacrifícios pelos filhos (trabalhos desgastantes, casamento infeliz) e exigindo não só um reconhecimento, mas também uma compensação. Quando Electra se cansa das reclamações da mãe e evade a discussão, é comparada com o pai, que seria um dos objetos de infelicidade da mãe.

La madre: Tú solo criticas, no quieres darte cuenta de los sacrificios que hice por ustedes.

Electra: Ya empezó la telenovela. Voy por el desayuno.

La madre: Eres igualita a él. Empiezan a hablar y cuando ya no saben qué decir, se van.

(IBARRA, 2011, p. 22).

Essa atitude de dizer-se incompreendida também ocorre nas versões gregas. Na versão de Eurípedes, Clitemnestra, em diálogo com Electra, defende-se das acusações da filha, culpando Agamenon e reclamando de ter levado uma fama injusta:

Clitemnestra: Teu pai inventou fazer o mesmo àqueles a quem mais deveria prezar! Eu te falarei, embora saiba que uma mulher, quando perseguida por uma ruim fama, tem sempre a incredulidade contra suas palavras [...] (EURÍPEDES, 2015, n.p.)

Também no texto de Sófocles, Clitemnestra se julga incompreendida pela filha, justifica seus atos decorrentes da morte da filha mais velha e acusa Electra de insensata:

Clitemnestra:

[...] Sei que discordas, mas meu pensamento é este e se tivesse voz minha filha morta diria o mesmo; devo então sentir remorsos?

Aí estão meus sentimentos; se os reprovas, vê se teu próprio julgamento é mais sensato antes de censurar quem discorda de ti.

(SÓFOCLES, 1992, n.p., versos 533-538).

É na obra de Ibarra que observamos com mais clareza o complexo materno na filha descrito por Jung. O autor discorre sobre vários tipos de complexo materno, e dentre eles, um que pode ser altamente prejudicial para o relacionamento com os filhos. Segundo esse autor, nas mulheres que apresentam esse tipo de complexo,

Seu instinto materno impõe-se brutalmente até conseguir o aniquilamento da própria personalidade e da de seus filhos. Quanto mais inconsciente de sua personalidade for uma mãe deste tipo, tanto maior e mais violenta será sua vontade de poder inconsciente. (JUNG, 2000, p. 97).

Jung complementa, sobre o efeito que esse complexo materno pode causar na filha: “Tal filha sabe tudo o que não quer, mas em geral não tem clareza acerca do que imagina ser seu próprio destino. Seus instintos concentram-se na mãe, sob a forma de defesa, não se prestando pois à construção de sua própria vida” (JUNG, 2000, p.100).

Vemos, na personagem Electra de Ibarra, um claro exemplo do complexo materno na filha descrito por Jung. Deixa-se entender que o irmão está muito ocupado com o trabalho para cuidar da mãe, sabe-se que a mãe foi professora e cuidadora, mas nada se menciona sobre a vida profissional de Electra. Sabe-se que ela não tem filhos, porém como é sua vida fora do convívio com a mãe? Não há nenhum indício quanto a isso. Retomando as palavras de Jung, observamos que ela não se presta à construção da própria vida, parece que vive inteiramente à disposição da mãe.

ELECTRA E SEU IRMÃO

A relação de Electra com seu irmão, Horácio, é outro ponto da obra de Ibarra que faz alusão às obras clássicas, retomando e atualizando a relação entre os irmãos gregos Electra e Orestes.

No início das duas obras gregas, Electra deseja fortemente o retorno do irmão e clama por ele, em breves monólogos, pois ele é o único que poderia livrá-la de sua sorte e ajudá-la a efetivar a vingança. Lembramos que na época retratada nessas duas peças, a condição da mulher era muito inferior à do homem. Nesse caso, era papel do filho vingar o pai e requisitar o trono, cabendo à filha apenas desejar e aguardar. Vejamos um exemplo de como isso ocorre no texto de Sófocles:

Electra: Hermes do inferno e Maldição divina,
 e vós, augustas, implacáveis Fúrias, [...]
 Mandai de volta meu irmão Orestes!
 Já não consigo suportar sozinha
 o peso dessa mágoa esmagadora!
(SÓFOCLES, 1992, n.p., versos 115, 116, 122, 123, 124)

E no texto de Eurípedes:

Electra: [...] Em que cidade estarás tu, ó meu desventurado irmão, que deixaste tua irmã tão digna de lástima, na miséria da casa paterna! Livra-me de tanta desventura, ó Júpiter possante! Conduze teus passos a Ágis e vinga a morte de meu pai. (EURÍPEDES, 2015, n.p.)

Na obra de Ibarra, o clamor de Electra a seu irmão é adaptado aos tempos atuais. Não caberia, no estilo da peça contemporânea, um monólogo reflexivo da personagem. Assim, temos monólogos que na verdade são partes de diálogos implícitos de Electra ao telefone com o irmão, porém, assemelham-se bastante aos monólogos gregos. Vejamos:

Electra: Bueno... ¿Horacio? Soy yo, Electra. [...] Oye, ¿cuándo vas a venir? Sí, ya sé que siempre estás muy ocupado, pero ella te necesita [...] (IBARRA, 2011, p. 33).

Electra: ¿Horacio? ¿Eres tú? ¿Que hora es? [...] Ya sé. Le digo que eres un fantasma, como mi papá. [...] vagaré en esta casa hasta que decidas liberarme. (IBARRA, 2011, p. 45).

Sublinharemos, especialmente, a última frase da última conversa: “vagarei nesta casa até que decidas libertar-me” (tradução nossa). Observamos nela uma dramaticidade digna de tragédia grega e bastante similar às falas das duas Electras analisadas anteriormente.

É interessante observar que Ibarra, ao invés de repetir o nome “Orestes” para o personagem irmão de Electra, o nomeia “Horácio”. Não podemos deixar de notar a semelhança fonética entre os dois nomes. Ambos iniciam com os fonemas /o/ e /t/, possuem três sílabas e são palavras paroxítonas. Sabemos que Horácio é o nome de um célebre poeta romano. Os dois nomes se parecem foneticamente, porém Orestes é um personagem mitológico e Horácio um escritor; um vive a história e o outro conta e cria suas histórias. Horácio, na obra de Ibarra, não se envolve diretamente, fica distante, talvez para criar sua própria história, independentemente da mãe.

O MATRICÍDIO

Apesar de Electra ser a personagem principal nas obras gregas, e de ser quem planeja e anseia pela vingança; por ser mulher, não ousa levar a cabo sua vingança e quem comete o matricídio é Orestes. Na obra de Sófocles, Electra acompanha a morte da mãe de longe, ouvindo de fora do palácio:

Electra: Gritam de novo, amigas minhas! Ouço gritos!
Clitemnestra: Matas quem te deu vida, Orestes? Ai! Meu filho!
Electra: Tu não tiveste piedade ou compaixão
nem dele, nem de nosso pai que assassinaste!
Coro: Ah reino e raça malfadados! Ai!
Consuma-se neste momento exato

o fado que sempre nos perseguiu!
Clitemnestra: Estou ferida!...
Electra: Fere mais, Orestes, Fere!
(SÓFOCLES, 1992, n.p., versos 1411-1419).

Já na obra de Eurípedes, Electra tem um papel mais ativo, estando presente no momento da morte e inclusive ajudando a desferir o último golpe:

O coro: Infeliz! Como pudeste contemplar com teus olhos a agonia de tua mãe a expirar?
Orestes: Foi preciso que eu vedasse meus olhos com o manto, no momento em que enterrei a faca na garganta de minha mãe!
Electra: E eu te impeli... e fiz força sobre a faca também...
Orestes: Oh! Eu cometi a mais abominável das ações! Vai... cobre o corpo de nossa mãe com o seu próprio manto.... Fecha suas feridas... Tu deste a vida a teus assassinos, pobre mãe!
Electra: Eis-te coberta! Tu, a quem ao mesmo tempo amávamos e detestávamos, tu, causadora das tremendas desgraças de nossa família, eis-te coberta com o teu manto!
(EURÍPEDES, 2015, n.p.).

Enquanto a Electra de Sófocles é mais passiva e ouve de longe o irmão assassinar a mãe, não participando da cena, e a Electra de Eurípedes ajuda a desferir o golpe final do matricídio; a Electra de Ibarra mata sozinha sua mãe e a amortalha, porém, em seu sonho.

Na obra de Ibarra, Electra se manifesta em dois espaços: o real e o sonho. Ela sonha repetidamente que está em uma maca de hospital sem saber se está morta ou se acabou de dar à luz: “*Electra: Todas las noches sueño que estoy en una plancha de metal sin saber si estoy muerta o si tuve un hijo*” (IBARRA, 2011, p. 41). Como as duas Electras das tragédias gregas, ela não tem filhos.

O último sonho, no entanto, é completamente diferente. Electra sai do lugar de passividade e, ao invés de estar deitada na maca ouvindo as vozes, fala diretamente à mãe pela primeira vez. Começa por chamá-la como uma menina perdida, assustada, e termina matando-a, amortalhando-a e dizendo-lhe, finalmente, o que sente em relação a ela.

*La madre aparece con los ojos vendados.
Electra: Sientes este hilo, hueles este hilo, es nuestra arma homicida.
Nacemos, nos enredamos, nos repetimos, y cuando eres vieja, llega la hora de la autopsia.
Se quita las vendas.
Electra: Mamá, corre, corre mucho porque te voy a matar.
La madre busca donde esconderse. Electra la atrapa y la envuelve en una sábana blanca. La amortaja.
Electra: Acabas con todo; dices cosas horribles, palabras crueles que te*

esmeras en elegir. Cada una da en el blanco. Impacta en la piel. La quema por dentro. Circula por la sangre, de la cabeza a los pies, y de los pies a la cabeza. Y en algún lugar del cuerpo, tus palabras fundan un reino. El reino de la miseria.

Electra deja a La Madre en el suelo y camina en círculos.

(IBARRA, 2011, p. 47).

Retomaremos, aqui, os estudos psicanalíticos de Halberstadt-Freud sobre o complexo de Electra. A autora sublinha que a relação mãe e filha é extremamente importante para o desenvolvimento da mulher, e explica:

Quero aprofundar-me na figura de Electra como paradigma do desenvolvimento feminino porque este mito atribui um lugar especial para a relação mãe-filha. O destino da mulher é determinado, desde seu nascimento, por vários aspectos de ambivalência em relação à mãe. (HALBERSTADT-FREUD, 2006, p. 32).

Essa ambivalência em relação à mãe, mencionada pela autora, permeia todo o texto de Ibarra, porém fica explícita nesse último sonho de Electra. O fio (*hilo*) enredando as duas mulheres é uma forte metáfora dessa questão. Esse mesmo fio, que a aproxima da mãe, é também sua arma para matá-la. Psicanaliticamente, a morte da mãe faz parte da construção da individualidade da filha como mulher desvinculada da mãe. A morte literal, das narrativas gregas, dá lugar aqui a uma morte em sonho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os mitos gregos se repetem e se renovam, transformando-se em material literário, como apontado por Brandão e García Gual. São também tomados como arquétipos e metáforas para compreendermos e explicarmos melhor os processos psíquicos, como foi visto nos estudos de Jung e Halberstadt-Freud.

O mito de Electra é um dos mitos gregos que encantam e instigam escritores e psicanalistas. Vemos a sua retomada em várias obras, literárias e científicas. Uma das mais recentes, a obra *Otra Electra*, da autora mexicana Edith Ibarra, nos trouxe fortes alusões ao mito de Electra e à antiguidade grega. A intertextualidade criada pela autora nos transporta aos textos de Sófocles e de Eurípedes. O texto de Ibarra, porém, ao mesmo tempo que retoma temas da antiguidade, propõe uma reflexão atual sobre a relação mãe e filha e o papel da mulher em nossa sociedade.

Segundo Martha Robles, conterrânea de Ibarra, os mitos femininos em várias culturas

através dos tempos definem o papel da mulher como cuidadora e servil. Ela aponta que a individualidade feminina se difere do masculino, nos mitos, por meio da dualidade: força, poder, ação; *versus* equilíbrio, docilidade, cuidado. Robles explica: “A individualidade se fortalece, portanto, na medida em que uma mulher compreende as habilidades múltiplas de seu intelecto, sua graça equilibradora e seu afã em servir” (ROBLES, 2006, p. 14).

Nesse sentido, em *Otra Electra*, mãe e filha vivem enredadas no papel social de cuidar e servir, papel este que as aproxima e, ao mesmo tempo, provoca conflito. A mãe explicita verbalmente como cumpriu suas responsabilidades de mãe e esposa tal qual lhe era imposto, mesmo a duras penas. A filha não verbaliza, apenas demonstra com ações esse papel servil de cuidar da mãe, enquanto o irmão parece não carregar o mesmo peso da responsabilidade do cuidado.

Essa marginalização da mulher do campo da ação e confinamento ao lugar de servidão ultrapassa a mitologia, está fortemente presente em nossa sociedade atual, como visto no texto de Ibarra que, apesar das referências antigas, mostra-se assustadoramente contemporâneo. Robles afirma que essa situação de dominação masculina é ainda mais explícita na América Latina, África e países árabes. Ela comenta:

Até parece própria de um certo atavismo a preferência dos homens por substituir com falsas dominações permeadas de despotismo a criatividade feminina que provém da mítica divisão primordial; contudo, está visto que onde impera a injustiça a partir dessa divisão de direitos por gêneros, que marginaliza as mulheres em prol dos homens, formam-se culturas propensas à baixeza e a repetir a abjeção, como claramente se observa na América Latina, na África e, naturalmente, nas teocracias muçulmanas. Não é por acaso que, emudecidas e temerosas como nós, mexicanas, temos sobrevivido durante séculos, nesse contexto [...] (ROBLES, 2006, p. 19).

Gregas, latinas, mexicanas, brasileiras... nós, mulheres, temos sobrevivido durante séculos nesse contexto de dominação masculina, como bem apontado por Robles. O texto de Ibarra traz uma importância histórica e social nesse sentido, pois, repaginando um mito da antiguidade grega, coloca em questão os papéis sociais femininos ainda hoje.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia grega**. 3. vol. Petrópolis: Vozes. 2007.

EURÍPEDES. **Electra**. Tradução: Trupersa (Trupe de Tradução de Teatro Antigo) direção: Profa Tereza Virgínia Ribeiro (UFMG). Belo Horizonte: Atelier Editorial, 2015. Arquivo e-pub Kindle.

GARCÍA GUAL, Carlos. Sobre la reinterpretación literaria de mitos griegos: ironía e inversión del sentido. NAVARRO; PUEO; SALDAÑA (coord). **Actas del VII Congreso Internacional de la Asociación Española de Semiótica**. Zaragoza; Universidad de Zaragoza, 1998.

GRIMAL, Pierre. **Diccionario de Mitología Griega y Romana**. 4. ed. Tradução de Francisco Payarols. Barcelona: Editorial Paidós, 1981.

HALBERSTADT-FREUD, Hendrika. Electra Versus Édipo. Tradução de Susan Markuschower. **Psychê**, revista de psicanálise. Universidade São Marcos, São Paulo Vol. X, n. 17, jan-jun, 2006, p. 31-54. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=30701703>. Acesso em: 12 abr. 2022.

IBARRA, Edith. **Otra Electra**. México, DF: Dirección General de Publicaciones, 2011.

JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. 2. ed. Tradução: Maria Luíza Appy, Dora Mariana R. Ferreira da Silva. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2000.

KURY, Mário da Gama. *In*: SÓFOCLES. **Electra**. Tradução Mário da Gama Kury. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 1992. Arquivo e-pub Kindle.

ROBLES, Martha. **Mulheres, mitos e deusas**: o feminino através dos tempos. Tradução: William Lagos, Débora Dutra Vieira. São Paulo: Aleph, 2006.

SÓFOCLES. **Electra**. Tradução Mário da Gama Kury. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 1992. Arquivo e-pub Kindle.

Recebido: 16/04/2022

Aprovado: 15/12/2022